

Pedagogias do
meme?

Uma
conversa entre
***Ariana Nuala e
biarritzzz***

214-215

Ariana Nuala

Há uma captura mercadológica e política que atravessa a cultura do meme e nos permite adentrar camadas de consumo e manutenção de normatividades hegemônicas tecnocapitalistas através dos algoritmos e de criações como as fake news enquanto instrumentos de interferência ideológica. A dinâmica de repetição e a caracterização de um processo expansivo são formas que falam sobre a temporalidade dos memes, sobre o desejo de pertencimento em comunidades a partir de pontos em comum propagados por seu conteúdo. O conceito pedagogias do meme propõe uma conscientização sobre o fazer do meme, uma não instrumentalização desse agente, mas a articulação de uma potência criativa que existe nas zonas da internet.

Como você compreende a pedagogia nesse âmbito, já que não estamos falando de um tipo específico de produção de imagem que não tem apenas um intuito educativo, mas que atravessa vários saberes?

Quando desenvolvo o conceito *pedagogias do meme*, penso menos numa relação instrumentalista do meme como ferramenta de disseminação intencional de mensagens didáticas e mais na compreensão dessa mídia como parte de uma cultura, que traz um conjunto de elementos quase sempre mais poderoso do que os recursos oficialmente didáticos por sua característica de rápida leitura, disseminação, viralização e identificação (pela cultura do amadorismo e pela relação icônico-irônica ou cômica). Longe de acreditar que toda essa produção aparentemente livre na web passe por um lugar o qual muitos associam ao democrático (termo importado da Grécia Antiga que em sua própria gênese sempre tratou de um processo de elite), entendo que a apreensão e a compreensão de mundo e o uso das ferramentas disponíveis se dão de formas antagônicas e multidirecionais. A produção de memes no Brasil tem sua base constituída demográfica, cultural e semioticamente por corpos e mentes não hegemônicos, o que não quer dizer que a sua instrumentalização e monetização represente esse contingente. Paradoxalmente, ao mesmo tempo que essa população (racializada, periférica e distante dos centros econômicos do poder legitimado) produz e constrói, consciente e/ou inconscientemente, as narrativas dos memes, existe uma política do visível em que esse tipo de corpo só pode ser lido nesse lugar do cômico e caricato, negando-se sua posição primordial enquanto produtora de conhecimento. Dentro desse cenário, as *pedagogias do meme* talvez se relacionem à ênfase da **apropriação** de novas mídias por essas populações, tendo como base suas produções não tecnocráticas e lúdicas como possibilidade legítima de produção de conhecimentos não hegemônicos.

AN

As imagens estão comumente ligadas à comunicação, sempre estabeleceram uma relação com um espectro não necessariamente conectado ao verbo. Enquanto poder político no imaginário, as imagens adentram uma historicidade da visualidade, constituindo um importante elemento na formação social, ética e poética da sociedade. Ferramentas como o WhatsApp acabaram por incluir pessoas que, por não pertencerem a uma cultura letrada, passaram a conversar através de emojis, áudios, vídeos e figurinhas. A oralidade e a imagem se sobrepõem à escrita para uma população não branca que se reconhece em aspectos gestuais diante dos signos visuais, diluindo minimamente fronteiras geográficas através da apropriação das ferramentas. O uso cotidiano torna acessíveis essas plataformas, que também se transformam em espaços de cultura, e não só visual. Como você sente que seu trabalho atravessa esses espaços de viralização?

b

As ferramentas de mensagens atuais vêm de uma construção de décadas. A linguagem visual sempre foi muito forte desde o início da internet, quando as cores pixeladas começaram a parecer muito mais interessantes que os monótonos ASCII(1) e a estética binária dos primeiros computadores. Assim, o WhatsApp, o Instagram, o TikTok são decorrências de uma cultura que foi desenvolvendo sua linguagem pelos últimos vinte e poucos anos. Da mesma forma que ocorreu com a televisão, a fotografia, o cinema e as mídias impressas, as cores se tornaram mais atraentes que o preto e branco, o movimento se tornou mais atraente que o estático, e o som se tornou mais atraente que o mudo. O mesmo fluxo intermitente acontece na internet. Passei a experimentar e produzir GIFS em 2004 porque eles se mexiam e chamavam mais atenção que as JPEGs estáticas e sem brilho. E de lá pra cá, tivemos várias plataformas, dos Flogs ao

1 Código binário que codifica um conjunto de 128 sinais, utilizando 7 bits para representar todos os seus símbolos. Desenvolvido a partir de 1960, grande parte das codificações de caracteres modernas o herdaram como base.

Orkut, do YouTube ao Tumblr, do Facebook ao Twitter. Posso dizer que acompanhei “de dentro” todo esse desenvolvimento, construindo memória afetiva, produzindo linguagem e me comunicando dentro dessas ferramentas. Assim, vejo o fato de hoje meus GIFS carregarem milhões de visualizações como consequência de uma inserção que vem de uma longa vivência e muita pesquisa. Quando um movimento de brega funk ou lideranças indígenas se apropriam de um GIF meu para passar suas mensagens, sei que de alguma forma a mensagem que eu quis passar está ali, ganhando um corpo totalmente novo, sinto que assim minha intenção como artista está se realizando.

3

b Ari, quando conversamos sobre a diferença entre o que seriam pedagogias **do** meme ou pedagogias **com** meme, você lembrou da discussão que existe na arte-educação.

AN Sim! É recorrente a confusão com algumas terminologias utilizadas na relação entre arte e educação. Muitas pessoas que querem trabalhar com arte enquanto princípio educativo pensam nela como uma ferramenta para experienciar um outro saber, ignorando que o trajeto artístico já é conhecimento. Voltando um pouco para essas relações com as nomenclaturas, é comum vermos a arte enquanto um prefixo instaurado em alguns termos, quando se torna um apoio, e não um diálogo. Penso que comumente a arte é pensada dentro de um ambiente escolar como uma matéria de assistência às outras disciplinas, o que dá continuidade à formação hierárquica entre saberes e não transgredir antigos valores que não nos cabem mais. Já há algum tempo nós, educadores, nas escolas ou em espaços de educação não formal, tentamos integrar um discurso e uma prática voltados para a transdisciplinaridade. Toda essa questão

poderia ser transformada se a ação educativa estivesse também conectada com saberes de culturas negras e indígenas, com as quais temos uma outra relação que não perpassa pelo entendimento epistemológico que divide a vida em setores classificados e baseados em cientificismos, mas que se organizam dentro de cosmologias que fortalecem um movimento integrado entre natureza e território. Porém, todo esse conhecimento foi colocado como um saber *outro*. A falta de relação com as *diferenças* fortalece a forma inicial de criação das disciplinas, construída em uma lógica que compõe a separabilidade dos organismos, e não suas complexidades. Nos currículos escolares atuais temos leis que garantem a inserção de saberes não brancos, mas muitas vezes as narrativas se findam em estereótipos, pois não se trata de pontuar essas narrativas, mas de integrá-las na base da educação. Gosto muito da relação que você traz com as *pedagogias do meme* porque é um reconhecimento dessa cultura, e não a invisibilização dela, é a cultura da web e de quem está criando nela, é sobre estar atenta ao fazer e aprender na prática sem escolarizar, compreendendo que a educação está em todos os espaços.

4

AN

O método moderno de aprendizado da arte através da racionalização do desenho reverbera até hoje como um rastro da colonialidade. Dentro desse modelo, surgido no século 19 e propagado pelas Grands Écoles de Beaux-Arts, acaba-se por restringir um espaço de criação a um aparato formalista e técnico em favor de pensamentos e práticas baseados em perspectivas imperialistas de dominação. A história do design, enquanto continuação desse processo, também alastra marcas de fazeres que se adequam a corpos pertencentes a uma determinada estrutura dominante que sinaliza a padronização de produtos e sua perfeição enquanto discurso conectado ao desenho do objeto sem um viés territorial ou cosmológico, por exemplo.

Dito isto, gostaria de relacionar sua prática em oficinas, ações artísticas, poéticas e educativas feitas com crianças, que partem do desenho para a criação de GIFs enquanto materialização de um imaginário.

Nesses ambientes coletivos, como tem sido para você criar e dialogar dentro de conceitos como a “imagem pobre” (*poor image*), da artista Hito Steyerl, para sair de uma zona colonial da imagem, que muitas vezes tem sua qualidade relacionada a medidas de resolução, alta definição e linhas perfeitas?

b

Considero muito danosa essa concepção de arte apenas a partir do figurativo, com a reprodução de concepções cartesianas e positivistas. O ranço da “perfeição” renascentista é desmistificado a cada novo movimento estético, mas ainda assim o ideário europeu do século 16 não deixou de fazer parte do senso comum, que é transmutado numa tecnicidade capitalista da imagem. A compreensão de outros cenários, povos, estéticas, cosmologias, cosmovisões e formas de habitar e viver o mundo que não vêm desse lugar é um contraponto direto a essa questão. Hito Steyerl, dez anos atrás, quando traz o conceito de imagem pobre (*poor image*), pontua que a imagem de baixa resolução e pouco padrão técnico viria para ficar. E ficou mesmo. Milhões de pessoas sem programas profissionais criam a partir de seus celulares imagens que viralizam através dos baixos kbytes e fracas conexões. E isso diz muito sobre nosso cenário socioeconômico, sobre a não representatividade das imagens oficiais, sobre racialidade e falta de acessos. Dentro desse contexto, sempre reflito em meu trabalho sobre a imperfeição em relação ao padrão (no sentido geral do termo) como motivo e desejo. Consciente ou inconscientemente, essa fuga abre brechas para outras concepções e imaginários de mundo.

Ariana Nuala combina estratégias que começam no corpo e se condensam em escrita e imagem. Seu exercício de curadoria é também proposta artística e educativa, uma necessidade de mediação que tange o caminhar. Licenciada em artes visuais pela UFPE, atua na coordenação do educativo no Museu Murillo La Greca e é integrante e curadora do CARNI Coletivo (@carnicoletivo) e do coletivo Trovoa (@trovoa__).

biarritzzz é uma artista transmídia que investiga as interações entre o universo da internet, o mundo das imagens e os corpos não hegemônicos, entendendo suas criptografias como ferramentas de poder. Remixa cultura pop, videoarte, GIF arte, política de memes, estéticas de videogame e poesia, pondo em xeque a falsa questão da tecnicidade × amadorismo e ciência × magia na criação de realidades.

> *biarritzzz.com*